

Desafios da Pesquisa Participante na Atuação da Igreja Hoje*

Edla Eggert

Estamos necessitando de desafios e mudanças em todas as áreas. A pesquisa participante é uma tentativa, entre outras, de trazer novas cores à aquarela da relação teoria e prática. Motivada por este sentimento de busca por desafios e mudanças, apresento o tema da pesquisa participante na certeza de que a leitora e o leitor acrescentarão a discussões posteriores a sua experiência de pesquisa na vivência cristã.

1 — Aspectos Gerais da Pesquisa Participante

O termo pesquisa participante é recente e foi popularizado na América Latina, na sua maneira particular, de “conhecer transformando”. Possui vários enfoques¹ e nomes diferentes como:

— Pesquisa-Ação; Pesquisa-Ativa; Pesquisa Militante; Investigação-Ação; Investigação Comprometida; Investigação Participativa; etc.

A pesquisa participante no Brasil tem suas origens nos movimentos de Educação Popular, a partir dos anos sessenta. Segundo alguns autores, ela surge através das idéias de Paulo Freire que enfatizou a pesquisa temática². É pesquisando o pensar do grupo social que a Educação

* O presente texto foi apresentado por mim em dois momentos importantes: Na Escola Superior de Teologia da IECLB em 08/06/88, como prelação inaugural e como trabalho de ingresso na Fraternidade Teológica Latino-americana.

1 — Os enfoques são distintos, como no caso da pesquisa-ação de Michel Thiollent, que já possui uma metodologia mais definida.

2 — Cf. Celso R. BEISIEGEL, **Política e Educação Popular**. Cap. II — A pesquisa temática foi usada na alfabetização de adultos. Fazia-se um estudo sobre o modo de vida das pessoas da localidade através de entrevistas, que, depois era utilizado em forma de temas geradores na alfabetização.

Popular e a pesquisa participante possuem muitas coisas em comum. Talvez a mais significativa seja a proposta de uma nova relação entre sujeito e objeto na pesquisa. Ambas, Educação Popular e pesquisa participante, possuem um caráter político claro, buscando a consciência crítica da sociedade a partir da realidade do dia-a-dia. Poderíamos dizer que é através da Educação Popular que a pesquisa participante entra em cena propondo uma “nova” concepção de fazer pesquisa.

Atualmente, não existe na América Latina um modelo único de pesquisa participante. Ela é, antes de tudo, um enfoque e um movimento que insere e compromete a intelectual. Justamente por estar emergindo num continente tão diversificado e porque, em alguns casos, os países só se identificam na opressão e na dependência externa, é que a pesquisa participante na América Latina não possui um discurso acabado, mas em construção.

Existem duas vertentes para a pesquisa participante: Uma é educacional e a outra sociológica.³

A vertente educacional está preocupada em contrapor ao “positivismo pedagógico” e às formas tradicionais de fazer educação uma educação participativa e que visa uma mudança social. Questiona a separação do político e do científico, da teoria e da prática.

Na vertente sociológica a discussão passa desses limites entre teoria e prática e chega à importância epistemológica da “ação para a pesquisa” e à aceção política da noção do social. A partir destas discussões oportunizam-se novos enfoques metodológicos. Entre outros, Orlando Fals Borda⁴ tem contribuído significativamente na sistematização da teoria da pesquisa participante na América Latina. Também os simpósios mundiais de Cartagena em 1977 e o da Iugoslávia em 1980, os três primeiros seminários latino-americanos de pesquisa participante realizados respectivamente no Perú em 1980, México em 1982, São Paulo em 1984, tratam das tendências e alternativas metodológicas da pesquisa participante na América Latina.

3 — Marcela GAJARDO, **Pesquisa Participante na América Latina**, p. 12-18.

4 — Sociólogo colombiano pioneiro de uma pesquisa participante no campo geral da sociologia crítica.

2 — Conceituação e Proposições

A partir desta rápida visão, podemos nos perguntar o que vem a ser a pesquisa participante. De forma bastante ampla poderíamos dizer que é

“Um estílo de pesquisa e um espaço para o qual convergem reiterados esforços para desenvolver enfoques de pesquisa que sejam condizentes com a realidade dos países latino-americanos. Esforços reiterados para conformar estilos de trabalho científico que permitam vincular a produção e a comunicação de conhecimentos aos processos de transformação sócio-política.”⁵

Esta conceituação ampla desdobra-se basicamente em três proposições: 1) A postura ideológica definida; 2) A nova relação sujeito-objeto; 3) A produção coletiva de conhecimento.

1. Postura Ideológica Definida

A realidade política dos países latino-americanos é, na maioria dos casos, autoritária. A realidade sócio-econômica é extremamente dependente do capital estrangeiro. Neste contexto, a pesquisa participante quer assumir este continente oprimido e quer dar um enfoque ideológico definido em sua atuação junto à universidade e à comunidade. Isto é, proporcionar pesquisa de campo acadêmica não é mais, para a pesquisa participante, distanciar a pesquisadora da realidade pesquisada ao ponto de neutralizar a relação pesquisadora-pesquisada. Será justamente um comprometimento da pesquisadora com a realidade das pessoas ou grupos pesquisados de maneira que se produza e se comunique conhecimento para a transformação social. Na pesquisa participante entende-se a neutralidade como conviência ao poder dominante, dono do saber e direcionador das pesquisas. Por isto, quem deseja realizar a pesquisa participante tem sempre que fazer a pergunta: “A quem e ao quê está servindo na produção e na comunidade de conhecimento?”. A postura ideológica pode ser definida e demarcada nas relações sociais e, por isso

“Objetividade não pode mais ser sinônimo de descomprometimento e de imparcialidade sob pena de transformar-se em cinismo e insensibilidade”.⁶

5 — Marcela GAJARDO, *Pesquisa Participante na América Latina*, p. 49.

6 — Rosiska e Miguel Darcy de OLIVEIRA, *Pesquisa Social e Ação Educativa*, p. 26.

A pesquisa participante não pesquisa somente para informar, mas para questionar o próprio grupo pesquisado. Para tanto, ela necessita da objetividade a fim de concretizar tais objetivos. Salientamos, porém, que objetividade não pode ter a conotação de neutralidade.

Fazer pesquisa com uma postura definida em favor dos grupos marginalizados é sempre de novo estar se posicionando criticamente com relação ao objetivo da produção de conhecimento. Pesquisar desta forma visa mostrar as limitações do tema da imparcialidade na pesquisa tradicional, da separação do político da ciência.

2 — A Nova Relação Sujeito-Objeto

A pesquisa tradicional exclui do campo educacional e sociológico o contexto social do objeto pesquisado, incorporando-o como mero dado condicionante. Os grupos marginalizados e seu contexto, numa típica relação sujeito-objeto, são apenas descritos pela pesquisadora tradicional como objetos a serem conhecidos. Assim, a pesquisa pode ser um reflexo da sociedade capitalista onde quem possui os meios de produção explora quem vende sua força de trabalho. A pesquisa tradicional é realizada por alguém que **sabe** e **pode** sobre alguém que **não sabe** e **não pode**. Desta informação coletada surgem novos dados que dificilmente chegarão às mãos do objeto pesquisado e nem sempre serão importantes para seu viver diário. Faz-se uma pesquisa **sobre** o grupo social, para controlar este grupo, não **com ele**, no sentido de ajudá-lo a descobrir-se como sujeito capaz de construir a história.⁷

Os Estados Unidos, no início dos anos cinqüenta, utilizaram a ciência social e a pesquisa tradicional como repressora dos movimentos emergentes no Terceiro Mundo. Criaram inúmeros estudos e, dentro destes países, difundiram a ideologia norte-americana como o modelo ideal de sociedade em contraposição ao “fantasma” do comunismo.⁸

A forma como o produto da pesquisa tradicional, supostamente neutro, está colocado a serviço da dominação fica clara no exemplo dos acordos entre o MEC e a AID (Agência para o Desenvolvimento Internacional). Estes acordos nortearam a reforma do Ensino Superior, em 1968,

7 — Ozarina SILVA, **Refletindo a Pesquisa Participante**, p. 18

8 — Cf. *Ibidem*.

registrada na lei 5.540/68.⁹ Uma equipe norte-americana ficou responsabilizada pela reformulação da universidade brasileira. Independente da boa intenção e suposta neutralidade daqueles pesquisadores, percebe-se o quanto os instrumentos científicos são usados pelo poder dominante de maneira que aquilo que é pesquisado numa relação de neutralidade pode pacificamente, ser usado na preservação do poder de dominação. Esta falta de comprometimento por parte das pesquisadoras, não só no momento da pesquisa, mas depois com os resultados da mesma, revela o aspecto implícito e intrínseco da dominação.

A nova relação sujeito-objeto na pesquisa participante observa que a lógica da pesquisadora deve ser a mesma do grupo social investigado. Carlos Rodrigues Brandão apresenta a pesquisadora não como aquela que vai se fantasiar de operária para conhecer tal realidade, mas que, como cientista e com sua ciência, compromete-se no engajamento e na luta pela dignidade do outro, “a quem mais do que conhecer para explicar, a pesquisa pretende compreender para servir.”¹⁰ Nesta dinâmica, a proposta da pesquisa participante quer ressaltar que a pesquisadora possui um saber e a pesquisada também possui um saber. Nesta relação dos dois saberes, o objetivo final da pesquisa participante será o de propor uma relação entre sujeitos, em que o objeto não será mais um grupo quantificado, mas serão as dificuldades daquele grupo social que necessitam ser solucionadas.

Esta nova relação sujeito-objeto compromete a produção de conhecimento com os grupos excluídos da sociedade. Redimensiona a relação distanciada pretensamente neutra, tão fortemente acentuada na pesquisa tradicional, tornando a convivência e o diálogo possíveis entre pesquisadora e pesquisada. Se na pesquisa tradicional pesquisa-se **sobre** o grupo social para, em última análise, melhor dominá-lo, a pesquisa participante pesquisa **com** o grupo social e **para** este, objetivando a sua organização. Isto acontece de várias formas: a) No envolvimento contínuo e gradual das pesquisadas na pesquisa; b) Na produção de conhecimento; c) Na devolução da pesquisa para o grupo social pesquisado; d) Quando um grupo já organizado faz a sua própria pesquisa ou pede auxílio da presença técnica, etc.

9 — Veja-se Otaíza ROMANELLI, **História da Educação no Brasil**, cap. v. A autora aprofunda o estudo da educação após 1964, os acordos MEC-USAID. Outros autores como Moacir GADOTTI, **Concepção Dialética da Educação** e Barbara FREITAG, **Escola, Estado e Sociedade**, analisam as consequências desses acordos. A departamentalização, a desestruturação do ensino das ciências humanas e a tecnificação dos cursos contribuíram magistralmente para o empobrecimento do Ensino Superior no Brasil.

10 — Ozanira SILVA, **Refletindo a Pesquisa Participante**, p. 61.

3 — Produzir Conhecimento Coletivamente

Segundo Paulo Freire¹¹, a convivência horizontal e a postura crítica da educadora — educanda geram a vontade de transformar a realidade social existente. A pesquisa participante proporciona a produção de conhecimento coletivo quando a pesquisadora, numa relação sujeito (pesquisadora e grupo social) e objeto (problemas), dialoga e questiona **com** o grupo na busca de soluções. Esta pesquisa visa despertar o grupo social marginalizado sobre a opressão que vivencia, auxiliando-o na busca de mudanças e na elaboração de meios para realizá-la.

As necessidades concretas de sobrevivência do grupo social marginalizado exigem a produção de um conhecimento imediato e que venha de encontro com a “cultura popular e a leitura que os setores populares fazem da realidade.”¹² A reflexão dos resultados conseguidos a partir desta prática apresenta a possibilidade de identificação coletiva na obtenção de novas formas para a utilização dos recursos existentes. Nesta identificação coletiva o grupo recupera sua história e conceitua sua realidade. Tudo isto se apresenta de maneira conflitiva, que nem sempre chega a organizar o grupo social, porém oportuniza a reflexão para que se busque o espaço pedagógico há muito tempo perdido na escola. Entre a reflexão coletiva e a organização do grupo social não existem limites que dividam estas atividades. Ambas devem ser distinguidas pelas pessoas que se preocupam com esta dinâmica.

Conforme Orlando Fals Borda¹³ o “conhecimento popular” propicia a criação de novos conhecimentos a partir de “recursos naturais” provenientes do local. Por isso, não se pode absolutizar o conhecimento científico. Afinal, ele pode mudar de acordo com os objetivos do grupo social envolvido. Este autor relaciona seis itens, chamados de princípios metodológicos, para que a produção coletiva de conhecimento aconteça:

1) Autenticidade e Compromisso: Por parte da intelectual, sem que ela perca os seus méritos sobre o que já sabe sistematicamente. Isto não precisa ser escondido, mas também não precisa ser “endeusado”.

2) Antidogmatismo: Quando se aplica rigidamente uma idéia ou princípio ideológico, muita coisa pode ser desperdiçada. Por não ser sensível a

11 — Veja-se Paulo FREIRE, *Pedagogia do Oprimido*.

12 — Marcela GAJARDO, *Pesquisa Participante na América Latina*, p. 48.

13 — Veja-se Orlando Fals BORDA, *Aspectos Teóricos da Pesquisa Participante*.

alguns momentos, algumas intelectuais se fecham para a política e para a ciência.

3) Restituição Sistemática: É necessário restituir o conhecimento para a ação organizada. A restituição não pode ser arrogante, mas de forma simples e clara.¹⁴

4) Feedback Para os Intelectuais: O feedback acontece dialéticamente das bases para os intelectuais que optaram por lutar com os grupos sociais marginalizados. Toda vivência popular pode encontrar novo espaço dentro da ciência.

5) Ritmo e Equilíbrio da Ação-Reflexão: A reflexão não acontece apenas num nível de erudição. Ela deve voltar à base para ter validação. A pesquisadora deve estar em contato constante com o trabalho de campo.

6) Ciência Modesta e Técnicas Dialogais: Ciência modesta não quer dizer de baixo nível. No entanto, a pesquisadora precisa abandonar a arrogância de erudita. Aprender a ouvir discursos das mais diferentes esferas culturais e adotar a humildade das pessoas que realmente desejam aprender e descobrir para transformar.

II — Limitações da Pesquisa Participante

Os autores que defendem a pesquisa participante não deixam de mostrar aspectos problemáticos desta proposta de trabalho. Existe pouca sistematização sobre o que é realizado. Há poucas avaliações sobre as pesquisas participantes que já ocorreram em determinados grupos. Muitas vezes falta rigor científico na formulação de hipóteses pré-estabelecidas, pois dependem da realidade de cada grupo. Isto dificulta a objetividade, a validação e a possibilidade de empregar conhecimentos já produzidos numa determinada pesquisa participante para outra possibilidade de pesquisa participante.

Também a pesquisa tradicional critica a pesquisa participante em relação a estes itens (objetividade, validação e armazenamento).¹⁵

Pedro Demo aponta para o perigo de se cair no ativismo, alertando que é importante retornar à teoria para

14 — Borda considera que as técnicas devem ser acessíveis ao grupo de forma que a metodologia venha a ser dominada pelo grupo e este possa, a partir de então, realizar suas próprias pesquisas.

15 — Marcela GAJARDO, *Pesquisa Participante na América Latina*, p. 78.

“aperceber-se do fanatismo, para aprender de outras práticas e para, se for o caso, até mudar de prática. Quem não volta à teoria deixa de ser crítico.”¹⁶

O papel da teoria ainda não está claro na pesquisa participante, porém o futuro está por ser construído. Para que esta prática seja legitimada é preciso sistematizar experiências vivenciadas que possam fundamentar esta proposta de produção de pesquisa científica no contexto latino-americano.

IV — A Pesquisa Participante Desafiando a Prática da Igreja

Como povo brasileiro, eclético pela sua história de invasões e colonizações, aprendemos desde muito cedo a copiar modelos. Na educação isto foi concretizado praticamente em cada nova legislação. A cada “reforma” estabelece-se um “novo” modelo a ser seguido, os quais são ditados por ideólogos, políticos e educadores muitas vezes estrangeiros. Geralmente estes modelos nos vêm às mãos por imposição e descon sideração do contexto.¹⁷

Com a igreja no Brasil também não foi muito diferente. Cada igreja trouxe consigo a história de sua denominação. É importante levar isto em consideração, porém não se pode mais copiar e impor modelos prontos. É preciso construir uma base teórica contextual, a partir do que se é e do que se tem e ter consciência de que isto não acontece da noite para o dia, nem sem dedicação e disciplina de um fazer teológico que relacione constantemente a teoria e a prática.

Germina na igreja hoje um desejo crescente de contribuir na tarefa de transformação social, no sentido de recuperar a dignidade da vida e da criação. Este desejo também cresce em nós luteranas brasileiras. Talvez as CEB's têm servido de estímulo neste sentido e temos emprestado delas modelos e referenciais teóricos para a nossa própria prática. Empréstimo não é o problema. O problema é não devolver e não contextualizar o empréstimo feito! Enfatizamos aqui a cultura de cada grupo (igreja), a qual deve ser levada em consideração e respeitada como sujeito e não como objeto. Não será por “dominar” uma análise de conjuntura que a pesquisadora aplicará princípios ideológicos dogmaticamen-

16 — Pedro DEMO, **Elementos Metodológicos da Pesquisa Participante**, p. 110.

17 — Veja-se Moacir GADOTTI, **Concepção Dialética da Educação**.

te. O dogmatismo e a radicalidade podem abortar a proposta da pesquisa participante no contexto cultural das comunidades da IECLB em todo o seu processo de aculturação.

Por isso precisamos um referencial teórico mais nosso. Um referencial que respeite a realidade cultural das pessoas marginalizadas na própria IECLB, ou melhor, nas suas comunidades. A realidade de opressão sócio-econômica é a mesma para todas no Brasil; porém, será a mesma realidade cultural?

Acreditamos que neste aspecto a pesquisa participante pode fazer brotar em nós o desafio da pesquisa para a produção de novos conhecimentos, também a partir da IECLB. Neste sentido, situaremos os desafios da pesquisa participante para dois momentos: o primeiro é o momento acadêmico ou de formação teológica, e o segundo é mais voltado para a vivência cristã diária (ou da vivência da obreira na comunidade).

1 — A pesquisa participante no momento acadêmico

Enfatizaremos aqui algumas perguntas iniciais que objetivam, quem sabe, reavaliar/redimensionar, ao menos em alguns aspectos, os cursos de Educação Cristã e Teologia na EST.

A escola de ensino superior no Brasil é (ou pelo menos deveria ser) sustentada pelo tripé — Ensino, Pesquisa e Extensão. Destes três sustentáculos, os dois últimos estão atrofiados e o primeiro está quantitativamente maior, porém nada sadio. Isso tudo graças às reformas que vêm acontecendo desde 1968. Dermeval Saviani diferencia ensino de pesquisa e de extensão. Apresenta o ensino como “transmissão do saber”, a pesquisa como “produção de novos conhecimentos” e a extensão é o diálogo com a comunidade.¹⁸

No curso superior de Teologia e Educação Cristã, como está sendo visto este tripé? A pesquisa é apenas bibliográfica?¹⁹ E a extensão, se dá apenas no estágio? O máximo que um trabalho semestral ou de conclusão alcança é ser indicado para a biblioteca? Qual o valor dado ao saber (à fé) das comunidades na reflexão e pesquisa teológica? Aliás, a per-

18 — Cf. Dermeval SAVIANI, **Extensão Universitária: Uma abordagem não extensionista**.

19 — Verificamos 141 trabalhos semestrais e de conclusão a partir de 1986 e constatamos que destes, 8,5% tinham a visitação e a entrevista como instrumento de pesquisa e 0,7% observava uma pesquisa de campo com a coleta e observação dos dados na tentativa de uma análise mais objetiva.

gunta fundamental, anterior a estas, deveria ser: Que tipo de conhecimento a teologia “produz” para inserir-se na realidade e ser ouvida?

Já enfatizamos que a pesquisa participante opta por instrumentos não quantificáveis numericamente com tanta exatidão como os da pesquisa tradicional. Isto porque a pesquisa participante considera o dialógico e a pesquisa qualitativa como forma de promover a discussão e a participação. Uma pesquisa desta natureza pode ser levada a cabo num curso de Teologia e Educação Cristã? A partir de que áreas poderia haver pesquisa participante? É possível um diálogo entre a Teologia e a pesquisa participante?

No ensino superior de Teologia e Educação Cristã o diálogo com a comunidade deveria fazer parte da pesquisa participante produzindo conhecimento em conjunto, de maneira que ela pudesse germinar contextualmente: Uma teologia participante, onde o científico não é refutado e onde o tradicional (comunidade e a pesquisa) é levado em conta e questionado também. As discussões e a participação objetivam produzir conhecimento, teologia coletiva. Não pesquisar mais **sobre** alguém ou algum grupo, mas sim **com** e **para** o grupo oprimido e marginalizado. Não podemos esquecer que na pesquisa participante a intelectual se dispõe!

2 — Pesquisa Participante na Vivência Cristã Diária

Na vivência cristã muitas coisas se entrelaçam: a igreja, a teologia, a fé em Deus, a vida de cada um. Segundo a pesquisa participante, as obreiras chamadas pela comunidade para o serviço específico deveriam ter consciência de que não irão trabalhar **sobre** a comunidade mas **com** ela. Isto exigirá da obreira que ela conheça a história da comunidade, sua realidade social, política e cultural, e a partir disto, perceba quais seriam as opressões (necessidades) que vivenciam as pessoas da comunidade e as pessoas marginalizadas pela comunidade. Pode a OASE sofrer opressões das pastoras? As crianças, adolescentes, jovens e idosos, as mulheres que trabalham e os homens desempregados podem estar à margem e sem o serviço da comunidade?

Esta postura, sujeito-sujeito, poderá fazer com que desmorone a torre de marfim onde se colocava a obreira ou a pesquisadora. Com a pesquisa participante a obreira necessitará andar junto com a comunidade, consciente de que sabe muito pouco da sabedoria, da cultura, da história e da resistência deste grupo ou comunidade. A obreira terá talvez, que reavaliar seus princípios ideológicos por causa do contexto em que estará inserida. Será, enfim, uma pesquisadora que encontrará na comu-

nidade o outro sujeito para o diálogo e a participação, refletindo e talvez produzindo uma teologia mais concreta e coletiva. A obreira não resolverá tudo sozinha, mas dependerá do trabalho coletivo. Penso que a partir disto precisará acontecer inclusive uma nova forma de a comunidade se organizar. Estamos abertas para isto? A igreja, como estrutura, suportará as eventuais mudanças decorrentes de uma reestruturação a partir das necessidades das comunidades e das pessoas marginalizadas?

A pesquisa participante é uma proposta que vêm redimensionar os instrumentos e objetivos da pesquisa tradicional. Ela visa a produção de conhecimento coletivo a partir de um trabalho que, segundo Brandão, "recria de dentro para fora, formas concretas de pessoas, grupos e classes populares."²⁰

Atualmente vivemos muitos conflitos no Brasil e na América Latina. Estamos tentando criar soluções das maneiras mais variadas e criativas. É uma corrida entre a sobrevivência e o sonho! Poderá a pesquisa participante ser um desafio para a teologia?

Bibliografia Citada

- BEISIEGEL, Celso de Rui. **Política e Educação Popular**. São Paulo, Ática, 1982.
- BORDA, Orlando Fals. Aspectos Teóricos da Pesquisa Participante: considerações sobre o significado e o papel na participação popular, in: **Pesquisa Participante**. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Pesquisar-Participar, in: **Pesquisa Participante**. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- DEMO, Pedro. Elementos Metodológicos da Pesquisa Participante, in: **Repensando a Pesquisa Participante**. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 8. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.
- FREITAG, Bárbara. **Escola, Estado e Sociedade**. 6. ed. São Paulo, Editora Moraes Ltda, 1986.
- GADOTTI, Moacir. **Concepção Dialética da Educação**. 4. ed. São Paulo, Cortez Editora — Autores Associados, 1986.
- GAJARDO, Marcela. **Pesquisa Participante na América Latina**. São Paulo, Brasiliense, 1986.

20 — Carlos R. BRANDÃO, **Pesquisar — Participar**, p. 9-10.

- OLIVEIRA, Rosiska Darcy de e OLIVEIRA, Miguel Darcy de. Pesquisa Social e Ação Educativa: conhecer a realidade para poder transformá-la, in: **Pesquisa Participante** São Paulo, Brasiliense, 1981.
- ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil (1930/1973)**. 6 ed. Petrópolis, Vozes, 1984.
- SAVIANI, Dermeval. Extensão Universitária: Uma abordagem não extensionista, in: **Educação e Sociedade**. São Paulo, 3 (8): 61-73, 1981.
- SILVA. Maria Ozanira da Silva e. **Refletindo a Pesquisa Participante**. São Paulo, Cortez Editora, 1986.
- THIOLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. 3. ed. São Paulo, Cortez e Autores Associados, 1986.